

APRESENTAÇÃO

Nos dias atuais, é impossível pensar no mundo à nossa volta sem as mudanças trazidas pelos avanços científicos. Utilizamos os conhecimentos provenientes das ciências e os artefatos tecnológicos decorrentes desses saberes em todos os momentos de nossas vidas, o que os torna algo inerente à nossa própria forma de *existir* no mundo, seja nele intervindo ou representando-o.

Se a tarefa da filosofia é indagar e refletir acerca dos fundamentos por trás daquilo que nos cerca e molda nossas visões de mundo, pensar filosoficamente os limites e a natureza da própria ciência é, portanto, um dos objetivos mais importantes de toda a empreitada filosófica atualmente. Foi nesse cenário que nasceu a discussão contemporânea sobre o *Realismo Científico*.

Ao voltarmos nossos olhares para o passado, veremos que algumas questões concernentes à realidade das entidades postuladas pelas teorias científicas, à natureza do conhecimento e acerca das metodologias utilizadas na construção de explicações científicas permeiam vários momentos da história da filosofia. No entanto, foi somente entre as décadas de 1960 e 1970 que as discussões correntes sobre tais problemas tomaram forma bem específica no interior da literatura da filosofia da ciência, culminando no debate tal como o conhecemos e revelando-o como um dos mais profícuos e relevantes da filosofia da ciência hodierna.

Em termos gerais, podemos dizer que os *realistas científicos* são aqueles que defendem, em maior ou menor grau, a *verdade aproximada* de nossas melhores teorias científicas e/ou a existência real das entidades inobserváveis postuladas por essas teorias. Já os *antirrealistas científicos*, opositores clássicos dos realistas, advogam em prol da ideia de que as teorias científicas não devem ser tomadas como *verdadeiras* (ou *aproximadamente verdadeiras*), mas sim interpretadas através de outros conceitos, tais como *instrumentalmente úteis* ou *empiricamente adequadas* – a depender do tipo de postura antirrealista adotada.

Embora essas definições introdutórias possam parecer simples, veremos que as discussões se aprofundam e se tornam extremamente sofisticadas, fazendo com que a reflexão acerca da natureza e dos limites da ciência se torne um campo complexo e instigante. Isso contribui para amadurecer nossas perspectivas sobre esse objeto tão importante e marcante em nossa vida: a própria ciência.

Nesse sentido, considerando a importância das discussões aludidas, e para celebrar o avanço trazido por pesquisadores, principalmente os sul-americanos, ao interior do debate nos últimos anos, a *Revista Instante* tem o privilégio e a satisfação de apresentar o dossiê internacional intitulado *Filosofia da Ciência e Realismo Científico*, propondo-se a refletir, por meio de abordagens plurais, uma vasta gama de questões relacionadas a esse clássico certame e áreas afins, tais como lógica, matemática, tecnologia, epistemologia, filosofia da mente e filosofia da ciência em geral.

Além de termos o privilégio de contar com a colaboração de importantes filósofas e filósofos originários da Argentina, Bélgica, Brasil e Chile, que atuam em diversas instituições ao redor do mundo, é importante ressaltar que este Dossiê Especial também se reveste de importância histórica e é digno de celebração por um motivo excepcional: a participação de várias gerações de pesquisadores.

Desde os pioneiros que introduziram o debate no Brasil e formaram levadas de novos professores e pesquisadores, até os mais jovens autores que se debruçam sobre essa temática, há, pelo menos, três sucessões geracionais distintas de orientadores e orientandos publicando neste volume especial, evidenciando a continuidade, qualidade e seriedade da produção filosófica em nossas universidades.

Nas páginas a seguir, os leitores encontrarão textos muito bem escritos e didáticos, e, ainda assim, extremamente profundos no tratamento das questões. Sem mais delongas, apresentamos os 24 textos que compõem essa edição comemorativa.

O primeiro texto de nosso dossiê, de autoria de Caetano Ernesto Plastino, é um ensaio que versa magistralmente sobre os estratagemas do instrumentalismo científico – vertente muito forte do antirrealismo –, esmiuçando e clarificando em que consiste essa concepção filosófica.

Em seguida, contamos com uma engenhosa defesa indutivista do *Realismo Científico Epistemológico*, conduzida por Michel Ghins. Essa defesa é realizada por meio de uma original abordagem *bottom-up*, que apresenta a enorme vantagem de não ser vulnerável às objeções levantadas contra a inferência da melhor explicação.

O terceiro texto, de autoria de Luiz Henrique de Araújo Dutra, busca estabelecer um critério para separar *realidade* e *ficção* com base no emergentismo perspectivista. Além disso, discute com maestria os critérios de Bas van Fraassen, Willard van Orman Quine e Ronald Giere para essa separação e procura estender o perspectivismo de Giere para todos os objetos abstratos da cultura.

Oswaldo Frota Pessoa Jr. também nos brinda com um texto genial, em que relaciona as posturas realista e antirrealista à iminente revolução nos estudos científicos da consciência. O autor afirma que a atitude realista deverá predominar nos estudos envolvendo humanos, enquanto o instrumentalismo será mais proeminente nas pesquisas com animais não humanos, além de argumentar que a interpretação realista dos *quália* poderá se manter guiada pelo estabelecimento de uma teoria geral da consciência que abranja determinados aspectos.

Adiante, o leitor encontrará o excelente texto de Bruno Borge e Cristian Lopez explorando a relação existente entre leis da natureza e simetrias. Esse trabalho se destaca ao se aventurar no interstício no qual a metafísica das leis se encontra com a metafísica das simetrias, prometendo uma reflexão perspicaz sobre esse importante tema da filosofia da ciência atual.

Jonas Becker Arenhart e Raoni Wohnrath Arroyo oferecem aos leitores um exímio artigo no qual exploram alguns desafios relacionados a interpretações realistas da mecânica quântica, abordando pungentes questões ontológicas. Os autores contribuem significativamente ao lançar bases para discussões futuras nesse frutífero campo de atuação.

O sétimo texto do dossiê, elaborado por Nélida Gentile, destaca-se por sua busca em apresentar uma refinada solução para harmonizar o realismo e o pluralismo científicos. A autora estabelece uma interlocução com a filósofa Michela Massimi, cuja obra *Perspectival Realism* é central para o contexto discutido. Gentile não apenas reconhece os desafios subjacentes à reconciliação dessas duas perspectivas aparentemente antagônicas, mas também se esforça para superar as limitações identificadas no trabalho de Massimi.

Se o leitor busca se aprofundar em discussões acerca de estratégias do *realismo seletivo* e seus novos desafios, encontrará, em seguida, um robusto texto de Cristian Soto, capaz de iluminar formidavelmente diversos pontos cruciais da discussão. Sua abordagem não apenas delinea as estratégias fundamentais do *realismo seletivo*, *realismo estrutural*; a proposta *divide et impera* e o *semirrealismo*, mas também enfrenta com sagacidade os desafios contemporâneos inerentes a essas perspectivas.

Halina Macedo Leal, por meio de uma acurada análise, oferece uma reflexão notável sobre as ideias feyerabendianas relacionadas ao realismo e ao pluralismo metodológico na ciência. Ao explorar as complexas interconexões entre as noções de contextualização, pluralidade, relativismo e realismo, Leal proporciona uma visão aprofundada das implicações desses conceitos no cenário científico.

Ainda, se o leitor se interessa por discussões que envolvam *metafísica, certeza e ciência* sob o prisma do empirismo lógico de Otto Neurath em um diálogo com o urbanismo do séc. XX, a leitura do brilhante manuscrito de Ivan Ferreira da Cunha será uma experiência muito enriquecedora.

O décimo primeiro texto, de Roberto Miguel Azar, questiona a relação entre Inferência da Melhor Explicação (IME) e realismo científico; mas evidencia, de maneira ímpar e excepcional, que a abdução de Charles S. Peirce pode fundamentar um otimismo epistemológico e servir de base para um realismo científico amadurecido.

Em seguida, Marcos Rodrigues da Silva e Gabriel Chiarotti Sardi apresentam um artigo profícuo e aclarador, no qual problematizam a noção de *rivalidade* proposta pelo realismo científico em relação a seus três rivais clássicos: o antirrealismo, a concepção historiográfica em ciência e o socioconstrutivismo.

Rodolfo Gaeta integra nosso dossiê trazendo uma riquíssima discussão sobre realismo e antirrealismo na filosofia da matemática. Sua análise aborda o *platonismo matemático*, contrastando-o com propostas rivais como o *ficcionalismo*. Embora reconheça a ausência de argumentos definitivos, o filósofo argumenta em favor do platonismo matemático de entidades abstratas em detrimento de posturas rivais.

Adiante, Gelson Liston oferece um primoroso artigo dialogando com o pensamento de Paul Feyerabend, conquanto argumente em favor de uma compatibilização entre pluralismo cultural e tolerância metodológica a fim de responder a questões sobre a racionalidade do empreendimento científico.

Edna Alves de Souza apresenta um minucioso texto em que explora a relação dissonante entre o realismo científico e o empirismo construtivo de Bas van Fraassen, argumentando em favor do realismo no tocante à demanda por uma explicação para o sucesso da ciência.

Em seguida, com a inovadora finalidade de expandir as discussões para o domínio da filosofia da tecnologia, Gilmar Evandro Szczepanik, em um artigo preciso e repleto de originalidade, defende que a tecnologia suporta um antirrealismo de teorias e um realismo de entidades.

Ederson Safra Melo e César Frederico dos Santos nos presenteariam com o décimo sétimo artigo desta edição, no qual exploram, de maneira exemplar, o debate sobre realismo e antirrealismo na filosofia da lógica e se aprofundam nas posturas anti-excepcionalista e convencionalista em lógica.

Dalila Ruth Serebrinsky traz um esplêndido texto pormenorizando a relação entre realismo científico e holismo semântico evidenciando, ainda, que a postura de Stathis Psillos acerca de o holismo semântico ser favorável ao realismo pode se mostrar problemática e desfavorável para certas versões de realismo.

Logo depois, Robinson Guitarrari e Luciano Vicente contribuem para o Dossiê com um riquíssimo artigo em que apresentam uma formalização lógica do argumento de Philip Kitcher em favor de uma teoria da verdade como correspondência diante de uma alternativa deflacionista. Esse argumento destaca a capacidade de Kitcher de explicar padrões de ação sistematicamente bem-sucedidos.

Em mais uma ótima contribuição a quatro mãos, Luciana Zaterka e Ronei Clécio Moccelin pensam um realismo químico, destacando os aspectos positivos e negativos dessa ciência, além de buscarem compreender a natureza de realismo prático, operatório e de propriedades da Química.

Renan Henrique Baggio, a fim de estabelecer uma relação entre o realismo científico contemporâneo e o realismo contido na obra de Charles S. Peirce, nos oferece um formidável estudo em que delinea, ao menos, três princípios peircianos capazes de contribuir com a discussão: a geração de hipóteses, o falibilismo e a teoria da percepção.

Tiago de Carvalho Ponti, no vigésimo segundo texto, busca desenvolver de maneira primorosa um realismo científico qualificado, baseado na revisão da noção de verdade e na introdução do conceito mais restrito de *verdade indexada a submundos*, com o intuito de responder ao desafio da meta-indução pessimista.

Leandro Lema e Ignacio Federico Madroñal, com a finalidade de examinar profundamente as discordâncias epistemológicas entre realistas e antirrealistas, oferecem um incrível trabalho em que localizam certos princípios compartilhados pelos partidários de ambas as posturas e esclarecem as razões nas quais repousam os desacordos.

Por fim, fechando nosso Dossiê de forma notável, Pedro Henrique Nogueira Pizzutti aborda uma questão antiga e conflituosa no debate: como definir a posição de Rudolf Carnap em relação ao realismo e antirrealismo? Pizzutti argumenta categoricamente em favor da neutralidade carnapiana e elucida em que ela consiste.

Agradecemos imensamente a todas as autoras e a todos os autores que aceitaram contribuir para esta edição especial e esperamos que os leitores desfrutem deste rico e primoroso Dossiê!



APRESENTAÇÃO

Boa leitura!

Gabriel Chiarotti Sardi (USP)

Editor Convidado